

um incômodo: a acomodação

guilherme castelo branco*

Uma música infantil fala do incômodo, numa ordem de grandeza crescente: um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam muito mais, três elefantes incomodam muita gente, quatro elefantes muito mais, enfim, em ordem aritmética, muitos elefantes incomodam muita gente. A música que fala desse incômodo com os elefantes, por sinal bastante escassos aqui nos trópicos, se repetida à exaustão, incomoda e é um incentivo à irritação. Os grandes paquidermes, todavia, não poderiam ser os campeões na brava arte de incomodar. Imaginemos os ratos, nos esgotos e subterrâneos da cidade, pensemos também nos ratos de superfície, e toda a fauna de seres asquerosos da urbe e do campo, bem menores que elefantes, para nos lembrarmos de que muita coisa incomoda. Os animais, e por extensão, os vegetais e minerais, no fim das contas, podem causar incômodo, mas não causam tanto incômodo assim.

O que incomoda são coisas variadas, de diferentes naturezas e gêneros: o mundo que nos cerca, as estruturas sociais, os aparelhos de Estado, a ordem familiar, as organizações políticas, as conjunturas econômicas (sempre pes-

* Professor no Departamento de Filosofia da UFRJ.

simistas), o zumbido dos mosquitos, o cotidiano que plasma os sonhos e leva à perda de toda esperança no porvir, a dor de ver tanta gente sendo morta de modo estúpido e brutal, ver pessoas se desgastando e desperdiçando a si mesmas por nada ou por muito pouco, o congestionamento, a falta de dinheiro, etc; inúmeras são as motivações para que a gente se incomode.

Os agentes do incômodo são inumeráveis; os incomodados, infinitos. Entretanto, os incomodados, na imensa maioria dos casos, não se retiram, não são exterminados, não realizam nenhuma operação estratégica especial para se livrarem do que os incomoda. Na maioria dos casos, quando o incômodo é alicerçado nas desigualdades sociais, políticas, jurídicas, institucionais, eles suportam. Chegam a suportar, como as bestas de carga, tal peso de incômodo, que tornam aturáveis situações absolutamente desnecessárias e evitáveis, tais como viver em campos de concentração, participar de guerras. Muitos bandeiam-se para o lado dos que incomodam, tal como ser agente voluntário de controle social, ser psiquiatra internador convicto, ser carcereiro orgulhoso de sua tarefa, etc. É a civilização. Demasiado civilizados nos tornamos. Freud não descobriu a pólvora. Civilização e mal-estar sempre estiveram imbricados.

A vida civilizada traz paradoxos: leva ao empobrecimento pessoal e à auto-aniquilação tanto quanto pode trazer formas de vida inventivas. Tanto é que podemos viver em casas de acordo com nossos estilos e conforme nossos recursos. Tanto é que podemos viver segundo nossas regras próprias, nossas invenções, nossos comandos e mandamentos. Pois em toda capacidade de autodeterminação, de autonomia, quando existe tal potência nos nossos horizontes existenciais, estão investidos muitos prazeres, gozos, usufrutos da vida. Pena que tão poucos ajam e façam algo dessa ordem, devido à sua própria condição, pois a massa de ex-

cluídos e alijados é enorme. Todavia, o mais estranho é ver que muitas pessoas, com possibilidade real de levar uma vida mais livre e autônoma, descartam de suas vidas todo potencial contestatário e criativo.

Em si mesmo, sentir incômodo é um sentimento que tem seu lado positivo. Urgiria, para o incomodado, fazer algo para eliminar a fonte de tal sentimento. Se temos diante de nós ou em nós coisas que nos incomodam, bastaria encontrar a saída, no prazer, na tranqüilidade, na serenidade, em grandes intensidades para fora dos padrões de comportamento corriqueiros, pouco importa. Assim seria, mas não é. Espantoso fato da vida, os tempos modernos criaram tecnologias, dispositivos, métodos de levar a viver o incômodo no incômodo, sem que o incômodo seja percebido como tal. Estranho nosso tempo; vive-se a administrar, isto é, tornar insípido, o tempo, o dinheiro, o dia-a-dia, o bom-gosto, a dor, o sexo, a palavra. Tudo comedido. Tudo dominado. No labirinto do desentendimento humano, o anjo rebelde se debate em busca de uma saída, mas no mundo administrável a saída é não sair; basta ficar o mais quieto possível e administrar tudo que é visto como demasiado e excessivo, de maneira a se gerir um estilo de vida conformado, acomodado.

Desde o período heróico da arte contemporânea, que podemos definir, um pouco arbitrariamente, como sendo aquele que vai de Lautreamont a Bataille, passando por Breton e Artaud, ficou claro que o modo de vida moderno era insípido. Que poderia ser pior ainda no porvir, cronificando a chaga da insensatez da conformidade pequeno-burguesa. Rimbaud, ainda bem jovem, quando fala de seus amigos de escola e da pequena cidade em que vivia, afirma: "...deixo que me *conversem*; desenterrei velhos imbecis do colégio: tudo que posso inventar de estúpido, de sujo, de mal, em ação e em palavras, eu passo para eles: pagam-me com cerveja e vinho"¹. Fala Rimbaud de algo bem conhecido de

todos nós; dos ganhos e benefícios secundários da vida medíocre, da vida acomodada, obtidos devido a se andar no bom caminho, de fazer o que todos fazem, ainda que esse bom caminho seja um faz-de-conta, seja hipocrisia ou *semblent*. Todavia, quando Rimbaud faz essa crítica ao modo de vida pequeno-burguês, não permanece num lugar ressentido; na verdade, Rimbaud é arrebatado por um chamamento, que o leva para além do razoável: “Quero ser poeta e trabalho para me tornar *Vidente*: o senhor não compreenderá nada e eu não saberei como lhe explicar. Trata-se de chegar ao Infinito pelo desregramento de todos os sentidos. Os sofrimentos são enormes, mas é preciso ser forte, nascer poeta, e eu me reconheci poeta. Não é culpa minha, absolutamente”².

Os artistas contemporâneos perceberam a necessidade de irromper no desconhecido, de desbravar novos territórios da linguagem, ainda que às expensas do despedaçamento do Eu, cartesiano ou não, ainda que sondando abismos que fragmentam toda representação habitual, acima de todo compromisso com as ordens cognitivas e especializações. Arte e alta magia se imbricam, tornando pequenas a ciência, a filosofia, a religião instituída, a arte subjetiva e comportada. Ao se perceber como vidente, Rimbaud, tomado aqui como simples exemplo, sabe que é compelido a uma experimentação artística onde todo um universo de co-possibilidades e de coexistências de coisas, reais ou irrealis, materiais e imateriais, comparecem através dele, apesar dele, e mesmo sem ele. Trata-se de um desvelamento arrebatador do Real, bem maior que a realidade limitada na qual os saberes convencionais se apoiam. Percebe, num mesmo golpe, que a experiência artística tem um componente existencial e social indiscutível: o artista é e tem que ser um estranho iluminado, que vivencia uma iluminação profana, bem entendido, que o destaca necessariamente das formas de viver instituídas. O artista é vidente, profanador,

magô, desbravador. O autêntico artista traz para o mundo um pedaço de fogo sagrado. Ele vive aqui e alhures, e, por isso mesmo, não poderia ter um modo de vida burguês ou assemelhado, com seus valores e normas. O artista é um ser diferente por ter uma relação com a linguagem totalmente diferente e, por extensão, por possuir uma outra vivência dos códigos sociais.

Nem todos os artistas contemporâneos compartilharam ou partilham desse espírito livre e independente. Mas sem dúvida, a maioria deles, ao menos os que deixaram para a posteridade marcas inequívocas, assumiu o espírito novo ou a vanguarda com um modo libertário de ser e de viver. Michel Foucault denomina esse estilo de vida libertário de “vida artista”, e entende que é um modo de resistência ao poder, especial e digno de nota, que faz parte da luta pela autonomia, com o objetivo de livrar o sujeito dos controles e técnicas de normalização postos em jogo pelo conjunto multiforme das instituições contemporâneas. O modo de vida artista se contrapõe ao estilo de vida burguês; vejamos: “o prazer por si pode assumir, perfeitamente, uma forma cultural, como o prazer pela música. E deve-se compreender que se trata, nesse caso, de alguma coisa muito diferente do que se considera interesse ou egoísmo. Seria interessante verificar como, nos séculos XVII e XIX, toda uma moral do ‘interesse’ foi proposta e inculcada na classe burguesa — por oposição, sem dúvida, a todas as artes de si mesmo que poder-se-iam encontrar nos meios artístico-críticos; a vida ‘artista’, o ‘dandismo’, constituíam outras estéticas da existência opostas às técnicas de si que eram características da cultura burguesa”³. Não seria descabido, dessa maneira, falar de uma real oposição entre vida assujeitada e vida livre, desde que tendo no horizonte as determinações históricas, políticas e sociais com as quais todo indivíduo tem que lidar.

Dentre as características que fazem a burguesia e, por extensão, as classes sociais a ela vinculadas e dependentes, se pensarmos em valores e padrões de comportamento mais usuais, a *acomodação* tem se revelado a mais empenhada e persistente. Como caracterizá-la, de modo breve? Como uma escolha, estratégica e calculada, de viver de acordo a uma certa “ignorância”. Para tentar abordar essa escolha pelo “desconhecimento que evita problemas e dá muitos benefícios”, vou me utilizar, seguindo sugestão de Michel Foucault, de algumas considerações kantianas. Kant escreve sobre essa ignorância, com muita pertinência, no *Was ist Aufklärung*, texto de 1784, quando fala do estado de menoridade, e vale a pena seguir suas considerações. Cito: “A *menoridade* é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem ser dirigido por outra pessoa. Ela *deve-se a nossa própria culpa* quando resulta não de uma falta de entendimento, mas de uma falta de resolução e de coragem para se servir dele sem ser dirigido por um outro”⁴. É de se notar que Kant não afirma que a menoridade é mera expressão da falta de entendimento, mas que ela é produto de uma deliberação, de uma escolha estratégica, pela qual os indivíduos, de um só golpe, delegam poder e submetem-se a algum padrão de autoridade. O que caracteriza a menoridade é a escolha decidida de não se ocupar ser livre, deixando toda decisão e responsabilidade nas mãos de outros. Todo menor é aquele que delega poder de deliberação, de decisão, de ação. E isso independe, claro, de idade. Kant continua: “a preguiça e a frouxidão são as causas que explicam porque um número tão grande de homens, enquanto que a natureza os libertou, há muito tempo, de toda direção externa (*naturaliter maiores*), permaneçam, entretanto, por livre vontade, durante toda a sua vida, menores; e também porque seja tão fácil para outros de afirmarem como seus tutores. É muito cômodo ser menor”⁵.

O tom do texto kantiano é indignado, possui passagens muito irônicas ao falar dos menores, ou acomodados, como pacatas criaturas, tímidas, temerosas de pensar, decidir, até de andar. Esse recurso à autoridade, em todos os campos da vida, segundo Kant, livraria os indivíduos (menores) da fastidiosa tarefa de pensar e de se conduzir, fazendo com que eles vissem toda ousadia e autodeterminação como penosas e perigosas. Triste destino da máxima socrática, desde o século XVIII: “eu sei que nada sei” converteu-se no lema daqueles que nada querem saber além da conta bancária, das aparências, da propriedade, do direito de herança. Aí, não tem dúvida: os membros das camadas burguesas querem saber; todavia, como muitas vezes não sabem tanto como deveriam ou poderiam, acabam por engordar a conta bancária de outros, mais bem informados ou esperotos, em certas passagens críticas da vida institucional ou em certas épocas da vida pessoal.

Por outro lado, a “ignorância” dos membros da pequena burguesia e da burguesia, tem alcance político inequívoco: todos evitam arriscar-se em tematizar e/ou em se envolver com assuntos e práticas considerados cabíveis ou a autoridades competentes ou a pessoas fora dos padrões da normalidade, que se arriscam para além do esperado. Nesse particular, a acomodação tem forte caráter estratégico: tem a deliberada intenção de deixar aos decisores, governantes, aos políticos, aos padrões, ou às “oposições isoladas”, a tarefa de levar a cabo e de discutir certas operações “delicadas”, necessárias para que o mundo siga como está, na ordem pedida e estabelecida. No caso dos assuntos delicados e práticas fora dos padrões de normalidade, os que se aventuram nesses campos numa posição de resistência sabem dos riscos que correm: práticas corretivas, punitivas, prisão, internamento psiquiátrico; em certos casos, a morte. O outro lado da moeda, seria se criar um silêncio sobre o que poderia incomodar, através de uma ignorância

'real' e constitutiva da própria subjetividade, é fazer do processo de acomodação um processo de normalização. Daí decorrem indivíduos que não andam fora da linha e não falam demais, que são os bons moços, os felizes assujeitados. Os normalizados não são nem loucos, esquerdistas, anarquistas, terroristas, bandidos, nem pesquisadores e defensores da sociabilidade libertária... Enfim, a boa gente acomodada apercebe-se de que sua sujeição aos padrões de normalização é condição necessária para a preservação do *bem-estar*, linha mestra dos valores em curso no mundo social contemporâneo. O bom comportamento recebe, por sua vez uma boa paga, como uma vida sem vicissitudes e sem maiores ameaças ou riscos. Neste mundo dos assujeitados, feito em nome do bem-estar, em nome do bom comportamento, em nome do silêncio, a melhor coisa a fazer é culpar os elefantes pelo incômodo: são eles, sobretudo eles, que incomodam muita gente.

Enganam-se os que pensam que a operação produtiva do poder, ao constituir subjetividades normalizadas, tem como efeito real a instalação de uma atmosfera familiar, íntima, centrada na preocupação com o mundo imediatamente próximo. O egoísmo, característico da moral do interesse burguesa, é de tal monta, que acaba por esfacelar o próprio mundo familiar, que vive das aparências de um mundo sem grandes conflitos; na prática, os conflitos são de grande escala, a ponto de serem muitos os saberes e profissionais que intervêm constantemente na célula familiar, em especial médicos, psicólogos, religiosos e até mesmo livros de aconselhamento (o que é uma demonstração cabal da crítica kantiana: a família é incapaz de resolver até mesmo os seus problemas, e todos nela permanecem menores).

Dados de pesquisa recente, realizada pelo LAPS/FIOCRUZ, vem demonstrar que a família burguesa ou pequeno burguesa brasileira solicita internação de um de

seus membros, em especial quando dispõe de recursos, em três casos principais: quando tem comportamento sexual demasiado inusual, quando torna-se demasiado generoso com os outros, quando decide mudar o curso de sua vida e virar artista. O núcleo familiar, no caso do artista, somente se tranqüiliza quando surge reconhecimento público, com sucesso financeiro. Enquanto o sucesso não vem, ele é um candidato constante à indignação e ao internamento psiquiátrico. No outro caso, o do excesso de prodigalidade, cabe notar um antigo provérbio do nordeste, que afirma que o sujeito está verdadeiramente louco somente quando rasga dinheiro. No caso de sexo bizarro, excessivo, explicitado, dispensamos comentários: já se falou muito nesse assunto.

A acomodação, assim cria uma lei do silêncio e impõe padrões de comportamento através dos quais se evita todo contato possível com parcelas significativas da realidade e das subjetividades. A autonomia e a liberdade são mercadorias de troca nesse negócio, cujo preço é se abrir mão da coragem de desejar e de pensar. Para finalizar, lembro a todos uma expressão, que sintetiza o *modo de acomodação* em curso no Brasil, que tem força de lei e afeta todas as classes sociais: “manda quem pode e obedece quem tem juízo”.

Isso me faz lembrar Henfil, nas cartas que publicou quando da época em que morou nos Estados Unidos, e de sua constatação óbvia, e porque óbvia muito inteligente, sobre o regime político em vigor na América, que vale hoje para o mundo, quase trinta anos depois: “ditadura do capital”.

Notas

¹ A. Rimbaud. *A correspondência de Arthur Rimbaud*. Porto Alegre, L&PM, 1983, p. 33.

² Idem, p. 34.

³ M. Foucault. *Dits et Écrits*, vol. IV. Paris, Gallimard, 1994, p. 629.

⁴ I. Kant. “Réponse à la question: que’ est-ce lês lumière?” in *Critique de la faculté de juger*. Paris, Gallimard, 1985, p. 497.

⁵ Idem.

RESUMO

Trata-se de perceber, a partir de uma perspectiva libertária — segundo o ponto de vista da autonomia, liberdade, e auto-governo — o que é incômodo, uma vez que trivial e esperável, no mundo das escolhas sociais e históricas. A acomodação torna-se uma escolha que se faz de chofre, adequada como é com o modo de ser contemporâneo, onde a sociedade de controle estabelece prêmios para os assujeitados, de todas as idades. O mundo das escolhas fáceis, oferecidas pelas ordens sociais, não se mostra tão evidente e cômodo, como qualquer pessoa, com um mínimo de perspicácia, pode entender.

Palavras-chave: autonomia, liberdade, acomodação.

ABSTRACT

The article seeks to demonstrate, from a libertarian perspective — according to the point of view of autonomy, freedom and self-government — what is annoyance, since trivial and expectable, in the context of social and historical choices. The accommodation becomes a choice that one immediately makes, appropriate as it is to the way of being contemporary, where the society of control establishes prizes for the subjected ones, of any ages. The world of the easy choices, given by the social orders, does not show itself so evident and comfortable, as any person, with a minimum of shrewdness, can understand.

Keywords: autonomy, freedom, accommodation.